

**Quando a filha se torna mãe:
transgeracionalidade, sofrimento e rupturas possíveis¹**

Rosamaria Carneiro
(UnB/UFPB)

Resumo

Nas últimas décadas muitos foram os trabalhos produzidos ao redor das experiências femininas de parto (Carneiro, 2015). Exploramos noções de corpo, de sexualidade e de conjugalidade, entre outros tantos pontos. Mas praticamente nada fora tematizado sobre as relações de filiação, parentela e/em suas emoções, quando uma filha se torna mãe. Em que pese nada ter sido analisado explicitamente sobre o assunto, em praticamente todas as minhas investigações sobre parto e maternidades, esse sempre fora assunto pungente (Carneiro, 2017). Nesse artigo, pretendo, por conta disso, refletir sobre as narrativas dessa relação depois de nascida a criança. Então, nessa triangulação entre avós, mães e bebês, refletirei sobre as semelhanças e diferenças entre suas trajetórias de gestação, parto e pós-parto, à luz da ideia de transgeracionalidade ou "mandato geracional" (Duarte, 2011), com o objetivo de refletir se e de que modos suas histórias se aproximam ou se distanciam? Em que medida novas emoções moldaram suas experiências e, sobretudo, esse desenho de relação afetiva entre mães e filhas? Amor e raiva são emoções que gravitam o universo materno de formas diferentes, a depender do momento em que a maternidade se estabeleceu. Mas podem também dizer da relação entre as mães e as filhas, quando essas se tornam mães. Diante disso, nos vemos diante de duas novas gramáticas emocionais: ambas disparadas pela maternidade. Uma entre mães e filhas e outra entre avó, mãe e netos. Na literatura encontramos investigações sobre experiências femininas ao longo das gerações (Lins de Barros, 2013), mas quase nada que envolva a vida sexual e reprodutiva). A noção de amor materno, já por demais debatida por Badinter (1986), parece - nesse choque de gerações entre mães e filhas - receber ainda mais uma camada; por vezes interpretada na chave do sofrimento e do abandono da filha que se torna mãe, por parte de sua própria mãe. Ou então, multiplicam-se tentativas de não repetição da mesma história de aleitamento, parto e pós-parto de suas mães. Diante da diferença histórica e do caldo cultural em que se

1. Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro

encontram inseridas as filhas que se tornam mães atualmente, descrever suas sensações físicas e como as emoções as informam parece-me muito interessante para complexificar a própria noção de maternidade. Para dar conta desse tema, partiremos das estórias das filhas que se tornaram mães, entre os anos de 2000 e 2020, e o que nos contam elas sobre como se sentiram, sobre o que passaram a ocupar e sobre os redesenhos de relação vividos com suas mães, e das mães que se tornaram avós, nascidas entre 1970 e 1980; de modo a contornar o amor, a solidão, a tristeza, a alegria e o abandono.

Palavras-chaves: maternidades, transgeracionalidades e emoções.

Entre mães e filhas: um desenho de pesquisa antropológica

Minha mãe me dizia que eu não teria um parto normal e não amamentaria, pois vinha de uma linhagem de mulheres que não conseguiam.

(Brenda, 30 anos, João Pessoa, maio de 2020)

Minha mãe é uma pessoa muito complicada. Complicada mesmo. Só uns 30 anos de análise para entender.

(Bernadete, 60 anos, Rio de Janeiro, abril de 2020)

Minha mãe era uma pessoa muito agressiva e fantasiosa. Ela tinha horror a mãe dela.

(Catarina, 76 anos, Itaipava, abril de 2020)

Nos últimos meses tenho circulado entre estórias² de mães e filhas, mais especificamente sobre suas experiências de gestação, parto e maternagem. Trata-se de

² Na presente pesquisa desenvolvo o argumento metodológico, que também é epistemológico e político, de sempre empregar estórias ao recuperar as narrativas das mulheres. Partindo da premissa de que o termo tem sido contraposto à noção de história, que seria então uma versão oficial e verdadeira, usarei estórias para recuperar a oralidade e transmissão geracional dos fatos e versões do cotidiano. Em que pese na língua portuguesa a expressão ter se tornado arcaica, funcionará aqui como um modo de dar legitimidade às narrativas do cotidiano e da casa, no sentido de lhe conferir status de discurso a ser considerado através dos tempos e da casa. Com essa intenção, não pretendo antagonizar campos de produção do discurso, mas sim costurar a ideia das estórias contadas do longo das gerações, por mulheres e de suas casas – local em que muito se pratica o matinar e o cuidado. Tal ideia se vê desenvolvida em artigos que versam sobre esta mesma pesquisa de pós-doutoramento, ainda no prelo e em produção. Porém, pela coerência, será empregado em todos os enxertos de sua produção.

minha pesquisa de pós-doutoramento empreendida junto do Departamento de Antropologia da UFPB e sob a supervisão da antropóloga Profa. Dra. Sonia Maluf. Depois de uma década refletindo sobre experiências de parto e maternagem de mulheres de minha geração, entre 30 e 40 anos, me vejo atualmente entre mulheres de 60 e 70 anos, franja a que pertence também minha mãe. É meu primeiro investimento investigativo no campo dos estudos sobre gerações, que aos poucos me inseriu também nos estudos sobre famílias e mais recentemente nos de parentesco. Dessa maneira, o que apresentarei neste paper é um recorte de uma etnografia ainda em andamento, porém já embrião desde meu doutorado uma década atrás (2011), quando a importância dessa relação para pensarmos sobre corpo e vida sexual e reprodutiva já me saltava aos olhos.

Partirei então de dados obtidos em entrevistas remotas, realizadas via Zoom e Skype, entre os meses de março e julho deste ano. Em alguns casos, em mais de um encontro online com a mesma mulher. Em outros, entre mães e filhas, mulheres da mesma família. Ou então, em mulheres de gerações e famílias diferentes, mas que também estavam ali dispostas a narrar sobre a relação com sua mãe e sua filha, depois de terem se tornado mães e/ou com o advento da gestação. Os contatos foram travados com mulheres que já conhecia por conta de minha pesquisa de doutoramento (2007-2011), que por sua vez me encaminharam à suas mães. Mas também recém-criados a partir de um chamado via e-mail e mensagem de whatsapp disparados nas redes de apoio ao parto, grupos de mães e de profissionais de saúde e parteiras que já são meus conhecidos por conta de meu campo de investigação nos últimos anos.

Por meio desses contatos disparados antes da pandemia de corona vírus no Brasil, já havia chegado às mulheres de diferentes estados do Brasil, ainda que o foco recaísse em mulheres de São Paulo, Paraíba e Brasília, cidades pelas quais circulo com mais intensidade. No entanto, com os decretos de calamidade pública, emergência sanitária e necessário isolamento social, me vi obrigada a alterar a pesquisa de campo. Ao menos por um tempo. Viera então a possibilidade de ultrapassar os limites dos estados antes mencionados e, com isso, um desejo de explorar as cinco regiões do Brasil e a diversidade nos modos de gestar, parir e maternar também nesse sentido. Muitas foram as mulheres que me procuraram, entre filhas e mães. De diferentes lugares. Essas relações ainda precisam ser aprofundadas e trabalhadas etnograficamente. Por isso, me dedicarei a pensar sobre algumas dessas histórias que me foram narradas até o momento.

Tornar-se mãe poderia ser pensado com um rito de passagem, que inaugura um novo status social para aquela mulher (Van Gennep, 1976). Há um adágio popular que

apregoa que “para tornar-se mãe, a filha precisa morrer um pouco”. Ou, então, crescer e separar-se de sua mãe para poder cuidar do bebê. Nessa troca de papéis, poderíamos pensar em duas pseudo-mortes: a da filha que torna-se mãe e da mãe que torna-se avó. Ao nascer ou ser adotado um bebê, surgem novos papéis sociais, novas relações de cuidado, mas também distanciamentos e dissolução de laços de parentesco. Em alguma medida, um processo de individuação parece ser necessário para que se criem outras teias relacionais. Vemo-nos diante de transições da própria vida, em uma circulação de papéis, entre novos que se desenham e antigos que são repaginados. Filhas deixam as casas de suas mães e o cotidiano próximo, quando os bebês chegam e passam a ter menos tempo para cuidar daquela mãe e/ou se veem impelidas a cuidar de uma outra pessoa, tomando a responsabilidade para si. São as transições para e da vida adulta. Essa no entanto não é uma linha unidirecional e tampouco universal. Também os seus desenhos e traçados podem ser outros, a depender da classe social, idade, classe social, raça e até mesmo religião da filha e da mãe envolvidas nessa relação. Entretanto, ainda assim parece bastante acertado pensar na maternidade com um rito de passagem.

Turner (1981) talvez nos ajudasse a pensar nesse momento a partir da noção de “drama” e de suas fases. Entre elas, penso especificamente no “estágio da liminaridade”, entre uma ordem social e outra, quando a vida social parece abruptamente insegura e suspensa. O começo da maternagem, para qualquer mulher, poderia ser pensado dessa forma, haja vista as mudanças experimentadas: transformação do corpo, do cotidiano e das responsabilidades daquela mulher, que – parafraseando Tati Bernardi (2020) – “talvez nunca mais esteja sozinha”. Durante minha primeira etnografia sobre partos (Carneiro, 2015), escutei em mais de uma ocasião mulheres contarem que “pariram como suas mães”. Ou então que não amamentaram, assim como suas mães. Uma delas inclusive narrou ter experimentado um parto domiciliar por conta de sua mãe ter desejado muito um parto natural nos anos de 1980, mas não ter conseguido vivê-lo. Como se houvesse entre elas o que denomina de uma “dívida simbólica” a ser saldada, entre aquela nasceu e a que desejou parir. Naquele momento, atualizada geracionalmente. E igualmente entre gestantes que acreditavam piamente que paririam porque vinham de uma linhagem de mulheres parideiras e que precisaram de uma cirurgia. Mas vi também entre muitos conflitos entre mães que aconselhavam a como cuidar ou se intrometiam demais na família recém-nascida. Percebi assim que entre essas mulheres aparentaladas circulavam histórias de parto e maternagem diferentes e semelhantes, desfechos biológicos

diferentes e semelhantes, mas também muitas emoções ao redor do cuidar e do ser cuidada. Na gramática por elas empregadas o amor e o carinho parecem ser sentidos, conjugados e adjetivados de modos diferentes. Um jogando luz sobre o outro, de modo a nos fazer pensar sobre os tempos, a dimensão social das emoções e a influência das mesmas na conformação dos próprios laços de parentesco.

Essas então foram as suspeitas que me trouxeram ao campo atual de trabalho. Para pensar sobre as emoções que dizem de relações vigentes, mas também iluminam mulheres do passado e outras, ainda projetadas no futuro, trabalharei com as estórias de Brenda, Bernadete, Catarina e Joyce.

Algumas delas: Catarina, Bernadete, Brenda e Joyce

Catarina tem 76 anos, é casada, vive no Rio de Janeiro e é psicóloga organizacional aposentada. Ela teve duas filhas mulheres, uma em 1979 e outra em 1981. Viveu duas cesarianas e amamentou ambas as meninas. Nasceu e viveu entre a Zona Sul e Zona Oeste do Rio. Ela quis um parto natural, mas teve pré-eclâmpsia e uma cesárea e depois uma outra cesárea por conta primeira realizada. Nos conhecemos através de sua filha, uma mulher da minha idade, que teve um parto domiciliar. Segundo Catarina, essa sua filha se queixa muito de não ter uma “mãe carinhosa e tátil”. Enquanto ela, é “uma mulher que não é do físico, que não se apega a nada do corpo a ponto de se esquecer de comer, de dormir e de fazer xixi”.

Ela é filha de Germana, uma mulher dona de casa, agressiva e violenta com os filhos. Segundo ela, a mãe foi uma mulher “não orgástica”, pois dizia que seu pai padecia de ejaculação precoce. Germana teve 5 filhos e alguns abortos declarados. Dois homens e 3 mulheres. Catarina era a mais velha e lembra da mãe lhe dizer, ainda criança e ao sua irmã nascer, que ela era egoísta e que seria “puta por ter os pêlos do corpo dourados”. Germana era Integralista e frequentava, quando podia, reuniões da UDN.

Em nossos encontros, salientou que a mãe era uma mulher confusa e violenta, tendo chegado uma vez a quase arrancar a orelha de seu irmão em uma briga. Mas também muito habilidosa e cuidadosa com a casa. “Tudo o que mamãe fazia ficava impecável. Eu me lembro de uma peruca japonesa que ela costurou fio por fio para minha irmã ganhar um concurso de carnaval. Ficou perfeita”. Ao mesmo tempo que confessava o perfil violento de sua mãe, também lamentava sua estória de vida.

Dizendo-me: “Coitada da mamãe. Ela sofreu muito quando criança. Vivia com uma tia que fazia dela uma escrava. Ela gostava de estudar, mas essa tia não a deixava. Ela vivia roxa pelo corpo”. Catarina disse saber ser verdade por conta dessa tia seguir criando outras pessoas, quando ela ainda era criança, e por conta de uma dessas crianças virem para sua casa também roxas e contarem ter sido sua tia. Segundo ela, isso a fazia acreditar na estória de sua mãe.

Bernadete tem 62 anos, também nasceu e vive no Rio de Janeiro, na Zona Sul. É socióloga aposentada e também teve duas filhas. Casou-se duas vezes, assim como Catarina. Estive também com Antonia, sua filha mais velha. Por isso, nessa família conheci ambas as gerações. Antonia também teve um parto domiciliar há 8 anos e sua irmã mais nova, uma cesariana e depois dois partos em casa. Tanto Bernadete quanto suas filhas também amamentaram. Bernadete teve um parto vaginal “muito estranho”, pois foi anestesiada e não sentia nada quando sua filha nasceu. Contou-me que suas contrações cessaram com 7 cm de dilatação, por isso ficou muito cansada e pediu anestesia. Sua segunda filha estava sentada, por isso os médicos lhe disseram que seria uma cesariana e assim foi. Foi uma experiência difícil pois a bebê precisou ser internada na UTI em um hospital público carioca muito debilitado. Sua recuperação também foi bem mais lenta, sobretudo por ter a primeira filha ainda bem pequena. Elas também nasceram em 1979 e 1981.

Segundo Bernadete, para entender sua mãe era necessário “no mínimo 30 anos de análise”. “Minha mãe sempre foi muito rejeitadora da figura da mãe. Ela era muito anti-mãe”. Helena foi uma mulher de muitos interesses profissionais, de jornalista a musicista medieval, e envolvida com o partido comunista, “o partidão”, como conta Bernadete. Por isso, segundo sua filha, “achava tudo muito pequeno burguês”. Bernadete tem uma irmã e ambas as meninas foram muito criadas pela avó materna, essa sim uma “mulher carinhosa”: Alcilene. Bernadete, por sua vez, não se considera uma “mãe carinhosa”, “vou onde sou chamada”, mas também não vê em suas filhas tanto carinho físico com os próprios filhos, como dizem não terem recebido dela. Mas é interessante, pois, em sua leitura, “quando envelhecemos, amolecemos”, por isso tornou-se “uma avó mais flexível”. Bernadete parece ajudar as filhas, cuidando dos netos e ajudando naquilo que pode. E assim como Catarina, tem em Helena, sua mãe, uma figura difícil e nada carinhosa.

Brenda tem 34 anos, nasceu em Belém, é casada, tem uma filha menina de 2 anos, é psicóloga e professora universitária. Nasceu de uma cesárea porque sua mãe e

sua avó “não tinham passagem” e não foi aleitada porque a mãe e as avós “tinham o bico do peito torto”. Sua mãe foi uma mulher que ascendeu socialmente. Com muito trabalho fez uma universidade e tornou-se funcionária pública. Mas ela e a filha nunca se entenderam muito bem. “Mainha nunca me aceitou, pois nunca fui o modelo de mulher que ela esperava. Ela até hoje não me reconhece como professora universitária”.

Brenda considera sua mãe uma mulher muito medicalizada e preocupada com o patrimônio. Mas diversamente das mulheres de outras gerações que discorro nessas páginas, reconhece Geni como uma “mãe carinhosa”, que sempre lhe deu muito carinho. A ela e a seu irmão. Mãe e filha nesse caso eram distantes em razão das perspectivas, crenças e estilo de vida. Mas o suficiente para Brenda nunca se sentir reconhecida por sua mãe. Algo que acontece, paradoxalmente, quando Brenda torna-se mãe na Paraíba e a mãe vem lhe visitar e a elogia publicamente por sua maternidade e cuidados com a neta.

Eu sempre quis ser mãe mas não tive uma relação muito fácil com minha mãe.

Minha avó morreu quando minha mãe tinha 7 anos. Ela viveu com minha bisavó, mas depois se criou muito sozinha. Ela teve uma família bastante dura. Era uma avó espanhola bem brava, que nem passava a mão no cabelo dela.

Então, ela dizia que não sabia como fazer.

Nós tínhamos a intimidade. Eu tive uma relação bem conflituosa até minha adolescência. Sai de casa aos 26 anos depois que papai morreu. Nossas opiniões sempre foram muito diversas. Uma de nossas diferenças sempre foi o fato dela se adequar ao mainstream. Minha mãe teve que trabalhar tanto que se focou muito no outro. Minha mãe é super vaidosa. Ela tem uma pensamento, crença que acho que é dessa geração ... de uma certa meritocracia.

(Brenda, João Pessoa, junho de 2020).

Ela considerava sua mãe uma mulher medrosa, medicalizada e bastante diferente de seu modo de ver a vida. Mas ao parir sua filha em casa e ter uma série de

complicações no pós-parto (pressão alta e fraqueza com anemia), filha com dificuldades para mamar e marido também com pico de pressão alta, ao rever sua mãe narra que “ali tudo mudou”. “Era aquele colo que eu precisava. Ali, sentimos que não estávamos mais sozinhos”. A mãe de Brenda veio de Belém uma depois de nascida a neta. Chegou sem saber das complicações depois do nascimento e havia tomado conhecimento de que tinha sido em casa poucos dias antes. Para Brenda, receber o seu abraço lhe representou a segurança que não havia encontrado nos últimos dias. “Foi o abraço mais redentor, reconciliador da minha vida. Foi quando tudo se reescreveu”, conta-me Brenda aos prantos.

A bebê de Brenda nasceu e teve dificuldades para respirar, a equipe não estava com o balão de oxigênio. Passou quase 72 horas sem mamar e quase desidratou. Foi levada ao hospital. Brenda muito fraca pediu por ferro intravenoso, mas lhe aplicaram na veia ao invés de em seu musculo. Isso também a levou ao hospital, com uma forte pressão em seu peito. Dias depois seu marido precisou voltar ao hospital por conta de um pico de pressão. Foram muitos os apuros experimentados pela família e que os levaram para onde justamente não pretendiam ir inicialmente: o ambiente hospitalar.

O colo da mãe é independente de todas as nossas opções. Ela me pariu, mesmo com bisturi de médico. Ela me fez existir, porra. Mesmo com todas as minhas restrições.

Talvez ela não pudesse mesmo me amamentar. Ela tinha feito cirurgia. Esse abraço me diz desse lugar de conforto, de acolhida, de aconchego. De nada vai te acontecer. Sempre foi esse o abraço dela. Ela sempre foi superprotetora. Ela sempre quis que eu vivesse bem, mesmo que fosse do jeito dela. Esse é o lugar do colo da mãe.

Como eu não era. Esse meu nascimento como mãe. No colo dessa mãe que eu também neguei. Era como se nascêssemos de uma outra relação. Todas as minhas posturas foram amenizados. Ela já tem 70 anos. Ela é essa mulher. Ela me negou. Mas estou aqui por causa dela.

(Brenda, maio de 2020)

Em suas palavras, ao nascer sua filha, nasceram também outras duas mães. Ela e a figura da mãe dela. Naquele abraço. Segundo Brenda, a mãe a havia reconhecido em um lugar que não era o dela, mas o da filha que havia parido em casa e amamentado.

Joyce é médica e parteira tradicional, tem pouco mais de 40 anos. É mãe de 4 crianças, 3 meninas e 1 menino. Todos nasceram em casa, o primeiro no Rio de Janeiro e os demais em João Pessoa. Ela vive atualmente na Paraíba, mas nasceu e cresceu no Rio de Janeiro. Joana vem de uma família de médicos, pai e tios. E é casada com um médico. Sua mãe Marialva teve 2 filhos, ela e um menino. Como sua mãe havia passado por uma cirurgia importante na gestação, optaram (seus irmãos e marido) por uma cesárea, depois de seu primeiro irmão ter nascido de um parto vaginal muito traumático. Joana conta que, quando grávida de seu primeiro filho, tomou consciência de que “para ser uma boa mãe precisava perdoar os meus pais. Se tivesse que qualquer julgamento, iria repetir o que eles viveram”.

Entre Joyce e Amélia não parecia existir problemas de relação. Amélia veio de Minas Gerais para viver no Rio de Janeiro. Joyce achava a mãe bem resolvida, mas aos poucos disse se dar conta de que a mãe era muito reprimida, já que nunca conseguiam conversar sobre sexualidade. Em seu primeiro pós-parto, conta que a mãe vinha e “simplesmente entregava um protetor de peito e ia embora”. Sentiu não ter apoio da mãe, que era uma mulher amorosa, mas bem prática. Quando engravidou da segunda filha, decidiu pedir ajuda a sua mãe, comprou sua passagem para fosse ao seu encontro, pois já não vivia mais no Rio de Janeiro. Nos primeiros dias foi tudo bem, mas com a chegada de sua sogra, a mãe se ressentiu por ter tanta gente na casa. Brigaram e foi embora. Em seu terceiro puerpério, disse ter decidido chamar somente a sogra, mas que logo compreendeu que estava tentando “tampar a ausência da mãe”. Para Joyce a surpresa viera quando sofreu um aborto de gêmeos. Sua mãe viera do Rio sem nem mesmo ter pedido e assumira todos os cuidados com os seus outros filhos e com a filha, ainda convalescente. Para ela, ali ambas ressignificaram algo que tentaram inúmeras vezes anteriormente. Naquela situação, Joana conta ter se sentido cuidada por sua mãe. “Ela me fazia massagem, trouxe sua pedra do altar e colocava em minha barriga. Foi num aborto, mulher. Veja que ironia”. Joyce se queixa da falta de apoio prático e logístico por parte de sua mãe. Ao contrário de outras mulheres que ouvi, o seu interesse recaía na ajuda prática, mas a frustração também vinha desse ponto, já que a mãe raramente se colocava nesse lugar. O interessante é que muitas mulheres desta pesquisa

queriam mais afeto, Joyce queria mais ajuda, queria compartilhar o cuidado dos filhos e da casa.

Esses são somente alguns trechos de nossos encontros. Suas histórias e narrativas contam com uma série de outros pontos que poderiam ser problematizados, somados e contrastados. Mas por ora gostaria de dizer um pouco de cada uma delas e refletir sobre suas expectativas com relação às suas mães ao se tornarem mães.

Brenda e Joyce são mulheres mais jovens, a geração de filhas de minha pesquisa. Ambas nasceram por meio de uma cesárea agendada e não foram amamentadas. Filhas de mulheres de uma geração medicalizada e com quem tiveram pouca intimidade, de “mães amorosas” mas também distantes. No primeiro caso por conta de não respeitar as escolhas da filha e no segundo por preferir ficar mais à margem, sem se inserir muito na rotina de cuidados diretos com os netos e com a própria filha. Brenda queria ser reconhecida por sua mãe, respeitada, queria ser vista como uma mulher diferente de sua mãe. Joyce queria ser cuidada tendo ajuda em casa, consigo, com as crianças e com a própria casa. Queria ser cuidada a partir da iniciativa da própria mãe. As mães era consideradas carinhosas, mas “também não demais”. As duas foram também atravessadas por histórias de “partos traumáticos” em suas famílias, mas tiveram seus partos vaginais e domiciliares como desejavam. E talvez o mais importante: se reconciliaram com suas mães, entendendo que “delas vieram e que por isso deveriam ser gratas”.

As filhas de Catarina e de Bernadete, aqui tomadas como as mulheres de primeira geração, a das mães, também demandavam de suas mães. Mas nesse caso demandavam o afeto físico e tátil. Suas mães são as mulheres da geração que deixaram a casa para trabalhar fora e conquistar o seu espaço no mercado de trabalho. Catarina e Bernadete, por sua vez, também tinham problemas com suas mães, um delas violenta e agressiva e a outra bastante distante e “rejeitadora da função de mãe”. O carinho físico e o afeto não pareciam existir entre essas mães e filhas, mas também não entre essas e suas filhas. A diferença parece ser, entretanto, na percepção atual dessa questão, pois não me parece ser algo decisivo ou importante na primeira geração de mães, em que a hierarquia e a autoridade materna parecem ter um outro espaço e força simbólica.

Emoções e transgeracionalidade: carinho, mãe carinhosa e amor de mãe

A geração de filhas, dessas mães mais recentes, lamenta explicitamente a falta de carinho por parte da mãe. De um carinho físico, corporal e “tátil”, para usar a expressão nativa. O curioso é que se esse parece ser um dos nós em suas relações com suas mães, o professam também com relação aos seus filhos: as crianças de agora. Como bem pontuaram Nucci e Russo (2020), trata-se de um “projeto de maternidade corpórea”. Ou corporal. Para Lins de Barros (2008 e 2013), a geração intermediária de mulheres mães, a que primeiro ocupou o mercado de trabalho no Brasil, estava preocupada em alocar suas filhas no mundo do trabalho, em capacitarem-nas. Mas essas, a última geração de mulheres, se vê hoje muito preocupada com a criação dos filhos às voltas com ideologias como “disciplina positiva”, “comunicação não violenta” e o “brincar livre”, tudo compilado no rótulo da “criação com apego” (Pulhez, 2015).

“Minha mãe não era carinhosa”. Essa frase tem sido recorrente em meu campo. Mas como é compreendido esse carinho e no que poderia consistir esse afeto esperado? Como se faria presente na ideia de amor de mãe? Quais seriam os contornos do amor ou o que esse sentimento poderia expressar ao longo dessas gerações de mulheres? Ou mais do que isso, de que modo colocá-las em relação nos ajuda justamente a compreender os contornos desse sentimento e das emoções sustentadas pelas filhas de agora? E ainda, quais poderiam ser as relações entre carinho e cuidado?

Se olharmos para a Bernadete e Catarina podemos reconhecer em suas narrativas a ausência do carinho materno. Foram mães consideradas por suas filhas distantes e violentas”. Mas bem ou mal foram por elas cuidadas na chave do provimento. O cuidado materno poderia ser pensado nesse momento e nessas famílias como aquele que minimamente faz viver e que vem na chave de suprir as necessidades básicas (comida e asseio em geral). De ordem material. Para Lins de Barros (2013), o foco dessa geração de mulheres de camadas médias teria sido o investimento na carreira, na vida profissional e na vida fora da casa. Por vezes com o incentivo materno, mas por vezes muito encaminhado pela própria mulher que nasce no Brasil dos anos de 1940 e 1950. Quando essas se tornam mães veem em seu cotidiano o cuidado como esse fazer crescer também profissionalmente as suas filhas. Mas é na geração dessas últimas, de Joyce e Brenda, que o debate ao redor do afeto, do carinho e do apego na criação parece ganhar centralidade. Um carinho físico, quando o cuidado então segue fazer crescer e viver, mas também concentra-se com mais esforço nas emoções da criança. Passa a haver um investimento em uma nova gramática emocional, na qual a criança participa, ainda que muito pequenina. Passa a importar acolher e estar para emocionalmente.

O interessante é que na geração das filhas o cuidado passa a ser questionado a partir de ideias como reconhecimento, “iniciativa para ajudar” e expressão física e verbal dos sentimentos. Para Brenda era muito importante o reconhecimento de sua trajetória como mulher por parte de sua mãe e foi, segundo sua leitura, o abraço recebido no pós-parto um marco no sentido de uma nova relação. Joyce ansiava pelo cuidado enunciado pela própria mãe e não solicitado, como uma iniciativa materna. Um cuidado com seu corpo e com a sua casa para que pudesse descansar no pós-parto. Para outras tantas mulheres com quem estive e tenho estado, a ausência do afeto explicitado fisicamente, é o ponto central da relação mãe-filha. Se um ou outro desenho, me parecem ser pistas de que entre essas mulheres de camadas médias, nascidas a partir dos anos de 1980, o anseio maior é por um cuidado afeto-sensorial, que contorna dimensões mais simbólicas do que materiais. Dessa maneira, tendo a considerar que não somente o “projeto de maternidade” dessa geração atravessada pela “teoria do apego” e parto humanizado é corpóreo, mas também a queixa com relação ao modo como foram maternadas. Nesse sentido, a ideia de uma maternidade corpórea e da emoção do amor expressada no corpo somente poderia ser construída a partir da relação entre as gerações de mães e filhas: ou seja, da intergeracionalidade.

Fora do Brasil encontramos a pesquisa de Donna Young, uma antropóloga canadense interessada em “etnografias da memória”, que participou da coletânea *Tense Past. Cultural Essays of Memory and Trauma* (Lambek, 1996), com o artigo “Remembering Trouble. Three lives, three stories” (1996). Nela se dispôs a escutar a avó, a mãe e a filha para compreender os pontos de contatos entre suas histórias e concluiu que:

Yet the womens narratives, seemingly incommensurate, are the same historical moment; they co-exist not only in the time but within the same family (Young, 1996:84 apud Lambek, Michael, 1996)

De outro lado, Evelyne Favart-Jardon, uma socióloga belga que se dedicou a investigar a intimidade em família, em *Women’s ‘Family Speech’: A Trigenerational Study of Family Memory* (2002), também pesquisou três gerações de mulheres belgas burguesas. Em seu artigo sustenta que a memória familiar não pode ser tomada como um monolito, mas sim como um processo ativo. Por isso, objetos como casas de família e véus de casamento significam relações, falam de corpos e de experiências domésticas

e pessoais daquelas mulheres. Mas essa transmissão da memória e da família acontece a partir de uma seleção feita por cada uma dessas mulheres. Muitas vezes a partir de uma atualização de seu passado, mas consistindo - na realidade - numa criação por parte daquela que narra. Por isso, em seu entender, as histórias e memórias daquelas mulheres nos colocam diante do impasse entre o pertencimento àquele clã ou as tentativas de uma individualização pessoal. Daí, a ideia de que:

Family is a 'matter of generation' (Godard, 1992) and family memory belongs in this perspective: it is a vehicle of intergenerational ties. The tension between individualism and belonging is at the heart of contemporary family relationships (Favart-Jardon, 2002, p. 309).

É nesse horizonte que pretendo refletir sobre a intergeracionalidade, sobre a relação entre as gerações como o que nos permite compreender suas emoções. No caso em tela, a ideia de carinho e/ou amor materno operante em cada um dos tempos, mas também tão somente a partir de sua interface. Lins de Barros (2008) insiste que ao trabalhar com histórias de mulheres de gerações de uma mesma família, mas de gerações diferentes, estamos na realidade trabalhando com vozes inseparáveis, que dizem das mulheres, mas também de suas mães e dos tempos em que viveram. Por isso, se refere ao “efeito geracional”, ao que uma pesquisa com ele pode despertar. Penso que minha pesquisa dialoga com tais escritos tanto metodologicamente, como analiticamente, já que percebi que a ideia de carinho de uma mãe só pode ser lida a luz do que narram suas filhas, de suas interpretações, mas também das histórias dessas emoções no interior daquela família.

Em muitas das falas das mulheres mais jovens, como aparecera também Brenda e Joyce, há um agradecimento às mães simplesmente por elas existirem. Ambas reconhecem as mães, a despeito das desavenças, pelo fato das mães terem lhes dado a vida. Esses casos poderiam ser pensados como uma tentativa de reconciliação? Tendo a considerar que entre as mulheres mais velhas, a ideia de autoridade materna era maior do que qualquer possibilidade de queixa direta ou de um anseio pela transformação. Bernadete e Catarina salientam a figura da mãe como uma “mulher difícil e problemática”, mas não narram espaços de encontros entre ambas para analisarem a relação. Parecem simplesmente aceitar ser essa a figura da mãe. Enquanto que nas gerações mais jovens por onde tenho circulado desponta a queixa, a demanda e o desejo

de se (re) inventar aquele relacionamento. É nesse jogo, muitas vezes, que a noção de carinho faz falta, que ressaltam não terem recebido afeto e colo físicos e escuta atenta de suas emoções.

Mas, de outro lado, esse universo de relações e emoções familiares nos insere também na ideia de transgeracionalidade, um termo muito comum na psicanálise, mas ainda pouco explorado na antropologia brasileira. No meio psicanalítico, a transgeracionalidade poderia ser compreendida como uma cadeia de transmissão psíquica a qual o sujeito está atado, ainda que contra sua vontade ou ao menos sem sua participação (Freud apud Raes, 2001, p.47). Seria assim uma herança arcaica, uma identidade familiar e social que transcenderia aos próprios sujeitos. Se na intergeracionalidade há um trabalho entre gerações e uma modificação facultativa naquilo que é transmitido, na transgeracionalidade esse trabalho parece não acontecer. Essa transmissão emocional seria alienante, pelas gerações e não entre as gerações e assim se repete em atos e emoções, sem muita explicação racional.

Catarina por exemplo recupera a figura da avó materna, como uma mulher portuguesa, muito gorda, que vivia pelos cantos da casa e que iniciava os netos sexualmente. Conta que tinha medo dessa avó quando era pequena e que sua mãe Germana “detestava” a própria mãe. Em sua narrativa, chega a justificar a violência e truculência de sua mãe por conta dessa relação com sua avó e do fato ter sido deixada para ser criada por uma madrinha que lhe batia.

A mãe de Helena, avó de Bernadete, a ajudava muito no cuidado com as crianças. Entre ambas não parecia haver muita tensão. Segundo Bernadete, o conflito existia mesmo entre sua avó – Alcilene e sua bisavó – Augusta. Para ela, Augusta era uma mulher “muito feia, mas devia ter muito “borogodó, pois se casou 5 vezes”, conta Bernadete. Alcilene era uma mulher muito autocentrada, por isso considera-a muito parecida com sua mãe Helena. Em sua apreensão, havia algo de identificação entre ambas as linhagens de mulheres – essa avó e sua mãe – no que denominou de uma “identificação cruzada”. “Essa coisa de gerações cruzadas, sabe?” Ou seja, a mãe e a filha não eram parecidas, mas a mãe da mãe e a filha, sim.

Também no caso de Joyce há uma relação cruzada entre neta e avó. Quando ela e a mãe se reconciliam, em seu aborto de gêmeos, a mãe começa a dizer que Joyce se parece muito a sua mãe, Tonica – uma mulher do interior de Minas Gerais, benzedeira e curandeira, que dedica os seus intensamente aos cuidados com a população local. Pelo outro tronco familiar, sua mãe também recupera memórias de parto, dizendo que sua

avó paterna havia tido partos traumáticos. Ela supostamente havia feito tanta força no momento de parir “que havia posto os olhos para fora” e em seu outro parto “havia quebrado a cama, de tanta força feita para o bebê nascer”. Mas Joyce se lembra de nesse momento negar tal transmissão, de lhe dizer que não faria parte dessa cadeia familiar de histórias de parto. Brenda também passara por isso, quando a mãe lhe dissera que vinha de uma linhagem de mulheres que não haviam parido, mas resistiu salientando que seguiria a linhagem paterna, na qual sua avó havia tido 18 filhos e costumava contar tê-los aparado na “barra da saia sozinha na roça”. Tais histórias contadas funcionam por vezes como inspiração, mas parecem-me também operar quase no registro da maldição, como o que se transmite de geração em geração. Esses casos, entretanto, nos remetem a dimensões físicas e corporais dos acontecimentos. Mas poderiam ser cogitados também quanto às emoções e perturbações nervosas. Luiz Fernando Dias Duarte faz essa discussão em “Gênero, fátia e gênero: um estudo do mandato transgeracional e subjetivação diferencial” (2011) ao tematizar a possibilidade de emoções atravessarem gerações e conformarem comportamentos e práticas de gerações mais jovens, tais como: melancolia, depressão e tristeza.

Penso que mais interessante do que pensar nas repetições de padrões de comportamentos e de emoções, é refletir sobre como a transgeracionalidade conecta gerações em suas práticas e emoções e nos fazem compreendê-las semanticamente. Nesse sentido, o “efeito geracional” sustentado por Lins de Barros nos permitiria também ponderar sobre os contornos das gramáticas emocionais e suas razões, para com isso não somente culturalizá-las mas também torná-las fruto da socialidade entre gerações, famílias e, em meu caso, sobre cuidado.

Por último, vale ressaltar que o carinho corpóreo ou sensorial desejado pela geração das filhas curiosa e paradoxalmente nesses mesmos casos adviera dos homens, por parte dos pais. Nos casos de Catarina e de Brenda eram homens amorosos e dissociados de padrões supostamente hegemônicos de masculinidade, tanto numa quanto na outra geração. Ou então adviera das avós paternas e assim mais uma vez da linhagem paterna, o que também se repetiu entre Brenda, Catarina e nas filhas de Bernadete, que tinham por referencia de afeto a avó mãe do pai. Ela era quem cuidava física e amorosamente.

O parentesco e suas rupturas: pela via das emoções

Em uma coletânea recente, Finamori e Ferreira (2018) recuperam as transformações dos estudos sobre parentesco na antropologia. Em um primeiro momento, recordam a importância e influência da categoria de gênero e do debate sobre natureza/cultura, marcadamente nos anos de 1980 e 1990 na literatura internacional e nos anos 2000 no Brasil. Eles foram atravessados pelas ideias de poder/desigualdade, deixando o ambiente puramente biológico e desalojaram as ideias de feminino e masculino. Mas mais recentemente, sobretudo, teriam se transformado a partir do debate sobre relatedness, de aspectos emocionais e práticas cotidianas do parentesco. Muito mais do que laços biológicos ou de esquemas formais sobre o parentesco. Para tanto, os escritos da antropóloga escocesa Janet Carsten teriam sido cruciais. Para Carsten interessa muito mais entender o que significa “ser parente” em diversos contextos e não tomá-lo a priori. Por isso, o seu livro *After Kindship*, publicado em 2004, foi um marco nesse sentido, pois passara a pautar a importância da casa, da substância, da pessoa e da família, todas tomadas como práticas a serem compreendidas no sentido de desvelar o que seria “ser aparentado”.

Partindo disso, os autores apostam em uma outra interface, bem mais atual e que dialoga intensamente com os meus propósitos, noção de mothering e modos de maternar: a do parentesco pensado a partir da ideia de cuidado. Nesse sentido, sustentam que a “relacionalidade”, pautada no começo dos anos 2000, nos abre brechas para o cuidado, a partir dos anos de 2010, como mais uma prática que conforma o parentesco, tornando-o ainda mais cotidiano e manufaturado – feito entre e a partir das relações. Por isso, referem-se ao encontro de dois campos de investigação: o de parentesco e o dos estudos mais recentes sobre o care. Ora, se o parentesco passa a ser delineado a partir do que é relacional e assim dos cuidados, pode ser pensado – e aqui eis o coração de minha proposta – à luz das maternagens, que se diferenciam entre si, aparentam e tramam parentes também de modos diferenciados. Nas palavras dos dois organizadores da referida coletânea,

A ideia de relacionalidade tem como um de seus atrativos justamente a suspensão entre natural/cultural posto nas relações de família/parentesco. Ao propor que apenas em contexto é possível analisar como os termos associados à natureza ou à cultura são efetivamente acionados e, por vezes, entrelaçados, suspende-se o velho dualismo natureza/cultura que tendia mais

a nublar do que a iluminar as conexões que são estabelecidas na prática. Neste contexto, a dimensão do cuidado, ainda que não diretamente abordada por essa bibliografia, torna-se uma dimensão relevante para se pensar o parentesco não como dado, mas como algo feito através de práticas cotidianas que envolvem comensalidade, responsabilização e reciprocidades e que está diretamente relacionado a contextos econômicos, políticos e sociais (2018, p. 23).

Em uma entrevista na Revista de Antropologia da UFSCAR – RAU (2014), Janet Carsten explicita que o parentesco, tomado como relatedness, ou seja, “como estar relacionado a” ou como socialidade, experimenta “processos de espessamento”, mas também de “diluição”. De entranhamento e desentranhamento. Ou como diria Lins de Barros (2013), processos de autonomização familiar. Como exemplo de diluição, entre tantos outros, a antropóloga escocesa cita o mudança de residência dos filhos para longe. A temporalidade seria uma das causas a diluir ou espessar relações de parentesco. Gostaria aqui de tematizar a potencialidade das emoções para adensar ou diluir o parentesco. Em meu campo, sobretudo, a partir das ideias de “mãe carinhosa”, “carinho” e amor materno nele possivelmente operante.

A queixa da mãe não carinhosa da última geração de mães – a das filhas – circunscreve uma ideia do que seria o amor materno como algo ancorado no físico e no sensorial. Quase na contenção e no colo. Essa queixa ou ausência de amor parece se repetir em suas relações com seus filhos, quando passam a observar ou praticar uma maternagem pautada no apego justamente para evitar a mesma falta. Em suas leituras, ao que parece, praticar tal afeto estreitaria os laços de parentesco, adensando-os com seus filhos. Mas ao mesmo tempo poderia ser lido com um processo que também dilui os laços de parentesco com suas mães. No caso, a geração de avós. Entretanto, caso tal pensamento possa ser considerado, a bem da verdade, não que há que se pensar na diluição da parentalidade nas primeiras gerações, já que somente por meio dela é que se faz possível adensar as relações com a última. Nesse sentido, tendo a sustentar que o “carinho sensorial e corporal” só pode ser compreendido como adensador de parentesco, justamente por funcionar com espelho de sua ausência nas gerações anteriores. Dessa forma, as emoções e suas perspectivas ao longo do “efeito geracional” operam como desveladoras da tessitura do parentesco. Ou seja, ainda que pareçam fazer

romper, nos ajudam a compreender o que adensa e se faz sentir de outros modos.

Bibliografia

VAN GENNEP, Arnold. (1977 [1909]). Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes.

TURNER, Victor. (2008). Drama, campos e metáforas. Niterói: EdUFF.

BERNARDI, Tati. Você nunca mais estará sozinha. SP: Cia das Letras, 2020.

CARNEIRO, Rosamaria. Cenas de parto e políticas do corpo. RJ: Fiocruz, 2015.

CARSTEN, Janet. After Kindship. Cambridge University Press, 2003.

DUARTE, Luis Fernando Dias. Geração, fátia e gênero: um estudo do mandato transgeracional e subjetivação diferencial. In: Trivium. Estudos interdisciplinares, 2011.

FINAMORI, Sabrina e FERREIRA, Flávio. Gênero, cuidado e família: tramas e intersecções. In: Mediações UEL 23, 2018, pp. 11-43.

RUSSO JA, NUCCI MF. Parindo no paraíso: parto humanizado, ocitocina e a produção corporal de uma nova maternidade. Interface (Botucatu). 2020; 24: e180390. <https://doi.org/10.1590/Interface.180390>

LINS DE BARROS____. “Três gerações femininas em famílias de camadas médias: trajetórias de vida e o projeto de autonomização”. In: VELHO, G. & DUARTE, L. F. D. (orgs.). Gerações, Família, Sexualidade. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice”. In: Perspectivas Antropológicas da Mulher 2. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p.11-70.

YOUNG, Donna. Remembering trouble: three lives, three stories / Donna J. Young -- Contested ... The past imperfect: remembering as moral practice / Michael Lambek, Tense Past. ROUTLEDGE, 2016.

[Evelyne Favart-Jardon. 2002. Women's 'Family Speech': A Trigenerational Study of Family Memory. Current Sociology. 50\(2\):309.](#)

CARNEIRO, Rosamaria. Cenas de parto e políticas do corpo. RJ: Fiocruz, 2015.

CARNEIRO, R. G.. “Estados nacionais, gerações de mulheres e políticas do parir: analogias e mediações entre Brasil e Espanha”. In: TEIXEIRA, Carla; ALMEIDA, Carlos Guilherme; NEVES, Rita de Cássia. (Org.). Saúde, mediações e mediadores. 1ed.Natal: ABA/UFRN, 2017, v. 1, p. 76-102.